



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

“Meu Corpo, Minhas Regras”

Bruna Brentano
Isabella Knak
Letícia Santos
Paula Fermiano

“O meu corpo é um jardim, a minha vontade o seu jardineiro”.
(WILLIAM SHAKESPEARE)

RESUMO: Nesse artigo, abordaremos questões que envolvem o corpo e são consideradas tabus pela sociedade. A desconstrução de conceitos e julgamentos estão presentes nesta análise, tendo como principal objetivo confirmar a real importância da liberdade corporal no bem-estar dos indivíduos. Apoiamo-nos em pesquisas bibliográficas para obtermos um embasamento teórico sobre este assunto, que perpassa questões de padrões estéticos, violações à liberdade de expressão e preconceitos no que tange a aparência e estilo de vida. Sempre enfatizando o respeito àquilo que mais nos pertence: nosso corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, Liberdade, Direitos, Diversidade

ABSTRACT: In this article, we address issues involving the body and which are considered taboo by society. Deconstruction of concepts and judgments are present in this analysis, the main objective being the confirmation of the real importance of body freedom in the individual well-being. We support ourselves through our literature search in order to get grounding in the subject, through the issues of aesthetic standards, violations to freedom of speech and prejudice regarding appearance and lifestyle. Always emphasizing respect to what belongs to us the most: our body.

KEYWORDS: Body, Freedom, Rights, Diversity

1 INTRODUÇÃO

O corpo é a propriedade pessoal que temos de mais importante. Mesmo ele sendo absolutamente próprio, inevitavelmente sofrerá ação da sociedade e de seus padrões determinantes. No entanto, é importante que os indivíduos reflitam sobre essas imposições e percebam que há diferentes maneiras de ver o mundo e de se relacionar consigo e com os outros.

Nas últimas décadas, conforme o conceito de direitos humanos foi sendo disseminado ao redor do mundo, obtivemos muitos avanços associados a esta temática. Homossexuais, transgêneros e transexuais começaram a ser vistos como indivíduos dotados de direitos, tanto morais quanto legislativos, e que merecem respeito. Mulheres foram se empoderando a ponto de ter autonomia sobre as decisões que se referem ao próprio corpo e a traçar o caminho de suas vidas.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

A motivação para a elaboração deste estudo parte da relevância deste tema nos dias atuais e pelo fato de ele ser muitas vezes tratado de forma velada e marginalizada. Analisando as recorrentes histórias de discriminação, nas quais os agressores tentam impor seus preconceitos como verdades absolutas, acreditando que possuem o direito de interferir na vida alheia, faz-se necessário abordar esse assunto a fim de darmos visibilidade a estes tabus que envolvem o poder de decisão sobre o próprio corpo, pois somente a informação tem o poder de metamorfosear culturas enraizadas e acabar com os diferentes preconceitos que permeiam as relações sociais.

2 O USO DO CORPO E SUAS REPRESENTAÇÕES ESTÉTICAS

Julgar pessoas por sua aparência é quase um instinto natural dos seres humanos. Precisamos de poucos segundos para convertermos características físicas em elementos de personalidade, pois relacionamos, instantaneamente, às memórias ou conceitos pré-estabelecidos aos que temos em mente. E são essas ações que fazemos há séculos – julgamos, taxamos e discriminamos indivíduos como se fossem objetos.

A sociedade de hoje reproduz os costumes ancestrais de se preocupar constantemente com a imagem; porém, a atualidade trouxe consigo uma maior exposição de outros tipos de modelos de vida, como o de não seguir apenas os padrões socialmente estipulados, como os impostos pela mídia, mas sim fazer o que torna os indivíduos mais felizes, independentemente desta padronização.

Falar sobre o corpo é muito relativo, pois ele é composto de cultura, sabedoria, sentimentos, qualidades e defeitos particulares. Muitas vezes, temos certas opiniões sobre uma pessoa que mal conhecemos apenas por tê-la visto nas redes sociais ou ter passado por ela na rua. As mulheres continuam sendo as mais julgadas quanto à aparência física e muitas acabam tendo como referencial o padrão estabelecido pela mídia. Temos como exemplo as mulheres que são vendidas publicitariamente apenas por possuírem corpos que, segundo estes padrões, são exemplos a serem seguidos.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Os padrões estéticos considerados belos são, geralmente, acima do que podemos alcançar naturalmente. É como se a mídia nos impusesse que devemos sempre ser um pouco mais magros, mais musculosos, ou simplesmente mais bonitos. Atualmente, os corpos mais desejados são os chamados "fitness", corpos de quem passa horas na academia e cuidando de cada caloria ingerida, corpos malhados e esculpturais. Para mulheres, glúteos, coxas e peitos grandes acompanhados de uma fina cintura, são características indispensáveis na imagem de corpo ideal. Já para os homens, quanto mais musculosos, sarados e vaidosos, mais atraentes são considerados.

Com a persistência da mídia e da indústria que ditam esses padrões, recursos foram avançando para conseguir atender aos desejos de quem tem como objetivo esses tais corpos ideais. Cirurgias que antes eram feitas apenas em situações de reconstrução se tornaram comuns para pessoas sentirem-se melhores com sua aparência. Como uma válvula de escape, mulheres e homens procuram por cirurgias para melhorar seu corpo e tentar aumentar a autoestima.

Com o aprimoramento destas tecnologias, os tipos de mudanças que podem ser feitas ganharam maior abrangência. Como tudo pode virar obsessão, neste caso de cuidados excessivos com a aparência, não é diferente. Pessoas acabam perdendo o controle sobre o próprio corpo e não conseguem parar de fazer tais intervenções cirúrgicas, pondo, muitas vezes, em risco sua saúde em troca da ilusão de um corpo perfeito e inatingível. Porém, desde o início, esses custos foram extremamente altos, e logo este mercado começou a se expandir de forma segmentada em procedimentos com qualidades contrastantes. Podemos facilmente encontrar casos em que cirurgias mais baratas acabam pondo em risco a vida dos clientes, por usarem produtos com menor qualidade e materiais mal esterilizados.

A sociedade muda seus padrões com grande rapidez e, simultaneamente, muitos estilos e tendências variadas invadem as grandes cidades. Quando enxergamos uma pessoa na rua, não precisamos de nada além de um olhar para julgá-la de maneira errônea e preconceituosa. Tatuagens, *piercings* e alargadores ainda são tabus sociais. É difícil para as pessoas com esses estilos conseguirem se inserir em determinados ambientes, principalmente quando se trata de mercado de



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

trabalho, porque ainda são julgadas e estereotipadas por terem seus corpos marcados.

Desde os primórdios da civilização, existe a cultura de utilizar adornos que perfuram a pele. Era costume de muitos povos antigos perfurarem a pele e enfeitá-la com metais e outros materiais. E assim, com a descoberta destas técnicas, elas foram passadas de geração em geração. Contudo, no início do século XX, estas mesmas técnicas foram deixadas de lado e retornam às ruas como algo errado na década de 1990. Esta ideia estereotipada persiste na cabeça de alguns até hoje, como se estes adornos fossem feitos para “chamar a atenção” ou única e exclusivamente para que seus usuários participem de alguma tribo que acaba sendo vista de forma pejorativa. Porém, há a possibilidade de esta escolha ser pessoal, a fim de satisfazer o bem-estar do indivíduo, imprimindo-lhe uma identidade.

No caso das tatuagens não é diferente, o preconceito vem de sua origem marginalizada. Contudo, algumas décadas se passaram, as técnicas evoluíram, a prática se popularizou e ainda assim muitas pessoas continuam associando-a a estigmas. Mesmo não sendo muito aceito, principalmente no mercado de trabalho, muitas pessoas já têm seus corpos com marcas e, em muitos casos, elas são feitas antes de completar a maioridade. Esses sinais podem gerar discriminações, o afastamento entre familiares, demissões, maus julgamentos, entre outras consequências. Essas manifestações negativas ocorrem simplesmente pelo fato de as pessoas não aceitarem que esta é apenas uma forma encontrada de representar a arte naquilo que mais lhes pertence: o corpo.

Assim como muitas coisas que fazemos, as tatuagens não estão livres de arrependimentos, mas este é um dos mais difíceis de reverter já que, teoricamente, aquelas são para sempre. É mais caro e doloroso apagá-las do que fazê-las; portanto, é preciso pensar muito bem antes de marcar na pele qualquer símbolo.

A indústria da moda sempre foi oportunista, tendo como grande objetivo atingir nosso cotidiano. Já que o corpo sempre foi algo sexualizado e que, portanto, deveria ser ocultado, a roupa mostra-se como algo indispensável. Logo, as pessoas encontraram um bom modo de conseguir dinheiro a partir deste recurso. No começo, elas já eram usadas para segmentar a sociedade, já que a elite tinha



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

tecidos melhores enquanto os pobres ficavam com os de pior qualidade. Foi com a revolução industrial que as peças começaram a ser feitas em moldes semelhantes, para que assim pudessem produzir mais, visando lucro maior sem tantos gastos.

Estilistas criam suas obras imaginando o corpo ideal que irá vesti-las. Modelos "lindas", com corpos que quase atingem a anorexia, são as favoritas para chamar a atenção das pessoas, sabendo que muitas mulheres dariam qualquer coisa para serem uma delas, inclusive aderindo a dietas mirabolantes. Lojas famosas utilizam como marketing para chamar a atenção do público, fotos revelando meninas com maquiagens fortes e penteados extravagantes e meninos musculosos e sarados. Cosméticos e cabelos vêm sendo utilizados também como elementos importantes para se alcançar o tão sonhado padrão de beleza. *Entretanto*, como forma de criticar esse padrão imposto, muitas mulheres famosas aderiram nas suas redes sociais uma campanha que tem por objetivo revelar a verdade por trás de tanta maquiagem. Muitas foram julgadas e até mesmo vítimas de *bullying* por mostrar suas rugas ou sinais faciais.

Percebendo que a forma como tratamos nosso corpo reflete nossas vontades e experiências, não se pode impor ao outro a forma como se expressar através de sua compleição. A liberdade para mostrar seu estilo e aparência é fundamental para que o indivíduo sintam-se satisfeito consigo, e assim, conseqüentemente, respeitando e tendo noção de que seus gostos também não serão obrigatoriamente iguais aos dos outros.

3 AS CONCEPÇÕES DE ABUSO SEXUAL NA SOCIEDADE ATUAL

A história da humanidade sempre foi marcada por casos de abuso sexual, principalmente contra as mulheres. Inicialmente, esse tipo de abuso era utilizado como modo de penalização contra mulheres consideradas feiticeiras e os homossexuais, já imprimindo diante destas práticas a ideia de culpabilização das vítimas.

Em países como a Índia e Irã não é difícil encontrar casos como o da jovem de Surat que, aos 23 anos, foi sequestrada e, durante oito meses, estuprada por

Volume 7, Setembro de 2016. 5



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

mais de cinco homens. Em muitos países estes crimes não são punidos, já que culturalmente mulheres são consideradas inferiores e propriedade dos homens. Contudo, a cultura religiosa predominante nesta região corrobora para esta desigualdade de gênero quando diz que às mulheres cabe obediência e passividade. “Os homens têm autoridade sobre as mulheres pelo que Deus os fez superiores a elas e porque gastam de suas posses para sustentá-las”. Alcorão (CHALLITA, 1984. P. 17)

Há pessoas que consideram a roupa curta de uma mulher uma forma de chamar a atenção dos homens. Vestimentas que deixam o corpo a mostra ou muito delineado já são motivos para olhares maliciosos. Entretanto, não importa o lugar ou a roupa, ela acaba sofrendo assédio apenas por ser mulher. Sendo assim, a roupa não deveria ser um medidor que diz o quanto ela merece ser respeitada.

Mulheres deixam muitas vezes de usar determinadas peças de roupas por se sentirem pressionadas pela moral imposta sobre elas e por não quererem ser julgadas apenas pelo o que estão vestindo. Caso não tomem essas precauções, acabam sendo oprimidas e interpeladas com abordagens machistas e abusivas.

A desigualdade de gênero se materializa no cotidiano de forma naturalizada. Mulheres consideradas objetos; a falta de equidade no que compete aos direitos e à liberdade; relações desiguais no mercado de trabalho e no ambiente doméstico, entre outros. Sendo assim, um conjunto de fatores contribui para que a mulher seja considerada menos capaz que os homens e, portanto, submissas aos desejos e imposições masculinas. Não vemos com frequência um homem sendo abordado por uma mulher na rua, mas claramente isso acontece com muitas mulheres. Enquanto o homem pode andar normalmente sem camisa nas ruas, a mulher é mal vista por usar uma blusa curta que mostre sua barriga.

As leis ainda possuem cunhos machistas, arranjando sempre pretextos para inocentar o agressor. Ao denunciarem as tentativas de estupro, garotas se deparam com inúmeros entraves burocráticos que acabam desmotivando-as, pois descobrem que o acusado só pode ser preso se pego em flagrante ou se a vítima tiver provas concretas contra ele, ou seja, as leis protegem, de certa forma, os agressores.

É fácil notarmos o apelo da mídia que colabora para que esta visão seja disseminada. Ao invés de fazer campanhas contra o abuso sexual, programas jornalísticos mostram as falhas em nossa constituição para criminalizar pessoas que



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

cometem este tipo de crime. Assim, paira um sentimento de impunidade e, portanto, liberdade para que homens molestem mulheres com a certeza de que ficarão impunes. Enquanto isso, pessoas deixam de realizar ações cotidianas, como ir a parques ou andar de táxi, por conviverem com o medo.

A “cultura do estupro”, tão comentada atualmente e presente há muito tempo, mostra o corpo feminino como objeto que se apresenta apenas para servir aos desejos masculinos. É comum propagandas de certas marcas voltadas para o público masculino, vincularem o produto à presença de mulheres com corpos esculturais e roupas curtas, colocando ambos no mesmo patamar de objetos de consumo e, ao mesmo tempo, fazendo com que o inconsciente sinta obrigação de desejá-los.

Até hoje, a sociedade considera natural que o agressor não tenha a mínima culpa já que ele está apenas seguindo seus “instintos primitivos”. O homem é ensinado desde pequeno que ele deve crescer e ser “machão”, isto é, namorar várias mulheres. Já as mulheres são ensinadas a serem caseiras, recatadas e responsáveis pela organização do lar.

Muitas mulheres aceitam ser assediadas em festas e na rua por acharem que é dessa forma que os homens mostram que estão interessados. As “cantadas” elevam, por assim dizer, a auto estima delas que acabam aceitando esses abusos por terem sido ensinadas desde muito novas que essas são as demonstrações de atração masculina.

Sendo assim, há uma linha tênue entre a cultura que considera o estupro algo leve e até natural, e o sistema patriarcal que tenta controlar a mulher e seu corpo, decidindo que roupas elas devem usar, que tipos de cabelos ou até decidindo sobre seu direito ou não à maternidade. Entretanto, deveria caber a elas o direito de escolha sobre seu corpo.

Portanto, é necessária a prática de discussões de forma construtiva mantendo o respeito às opiniões diversas, a fim de romper a barreira que separa a sociedade de tabus tão grandes como estes. É irracional que ainda hoje, passados mais de seis séculos da idade média, mulheres sofram de imposições que regulam e ponham em risco seu corpo.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

4 O CORPO, O GÊNERO E A SEXUALIDADE

Ensinado desde cedo, o determinismo de gênero está tão presente em nossas vidas que é difícil imaginar um mundo muito diferente daquele que já está enraizado, ou seja, roupas, comportamentos e crenças caracterizam e diferem o masculino do feminino. O determinismo se inicia desde a descoberta do sexo do bebê, ainda na barriga da mãe, e a partir disso um nome é escolhido, roupas, brinquedos e acessórios são comprados, assim como quartos são decorados por cores pré-definidas socialmente. Ao nascer, começa-se um processo de normas impostas referentes ao modo de pensar e agir de acordo com o gênero estabelecido a partir de seu corpo.

Os primeiros brinquedos de um garoto são carrinhos e outros produtos de ação, enquanto garotas aprendem desde cedo a acolher ursinhos e bonecas, cuidar da casa e cozinhar. Todos estes fatores contribuem para um crescimento focado na reprodução de estereótipos, sem ampla opção de escolha. A partir deste tipo de criação, o público infantil cresce com a perspectiva de ser errada a inserção no universo oposto.

A didática escolar reforça os valores ensinados em casa que determinam o certo e o errado de cada sexo. A ideia de que a dedicação vem da menina e o descaso dos meninos, está presente no que se espera do desempenho escolar de cada um. Como afirma Marília Pinto de Carvalho, professora da Universidade Federal de São Paulo:

A desigualdade de gênero se expressa de muitas formas diferentes. Relacionado a esse perfil de masculinidade, temos um cenário em que os meninos abandonam a escola mais cedo, são maioria nas aulas de reforço e recuperação. E quando eles vão bem na escola, ainda tem de parecer que o fazem sem esforço, porque não é esperado que um menino seja aplicado e dedicado. É uma corda bamba o tempo todo para provar a masculinidade [...]. (CARVALHO apud SOARES, 2014. s/p)

A escola tende a repassar para o aluno que aquele local é para aprendizagem não só disciplinar, mas também para a futura vivência social. No entanto, Marília diz que não ocorre de tal forma por completo.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Por mais que a desigualdade de gênero esteja presente na escola, é muito importante lembrar que ela não funciona necessariamente como um espelho do resto da sociedade. Por exemplo, se na escola as meninas se saem melhor do que os meninos, isso não é refletido nos seus salários no futuro, pois até hoje as mulheres ganham menos do que os homens. Ou seja, sua maior escolarização não reflete necessariamente em um maior salário. (CARVALHO apud SOARES, 2014. s/p)

No ambiente estudantil, a desigualdade não é representada pelas menções dadas, e sim pelos comportamentos exigidos. Um garoto recebe a mesma nota na computação de suas avaliações que receberia caso fosse uma garota; porém, na conjectura comportamental, são facilmente relevados quanto à indisciplina de seus atos.

As percepções sobre os papéis de homens e mulheres diferem de acordo com a cultura de cada região. Assim como já tratado anteriormente, há locais onde mulheres são vistas apenas como objetos que devem satisfazer todas as expectativas dos homens, bem como existem aqueles onde elas têm níveis de liberdade e autonomia bem maiores. Por exemplo, ao contrário do Iêmen, aonde uma jovem não pode mostrar em público nada além de seus olhos, e também é proibida de frequentar escolas ou ter qualquer educação que não a de cuidar do lar, nos países nórdicos, líderes no ranking de igualdade, as oportunidades oferecidas às mulheres são tais quais as dos homens.

Indo a qualquer comércio, torna-se perceptível a distinção do direcionamento de mercadorias ao público feminino e ao masculino. A indústria reforça a todo instante o fenômeno binário dos sexos e esta tenta suprir os gostos e necessidades destes diferentes gêneros. Entretanto, algumas iniciativas estão sendo postas em prática com o objetivo de desconstruir estes estereótipos, que colocam de um lado roupas de super-heróis e do outro, roupas de princesas, demarcando bem o público consumidor de cada segmento. Uma destas iniciativas aconteceu no mês de maio de 2016, quando uma loja apresentou uma propaganda publicitária que incentivava a “misturar, ousar e experimentar” toda e qualquer peça que fizesse o cliente se sentir bem, independentemente das categorias de gênero taxadas a seu corpo.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

Com o passar do tempo, a total diversidade foi ganhando voz e as lutas por direitos igualitários foram reconhecidas como importantes e necessárias. Entretanto, essas mesmas lutas já existiam, porém de forma discreta devido ao medo das repressões. Foi durante o período medieval que o preconceito e a aversão a diferentes sexualidades estabeleceram-se como regra e impregnaram-se quase como senso comum. Não obstante, essa e as intolerâncias raciais, sociais, religiosas, entre outras, só foram ressaltadas e reafirmadas no início do século XX, sendo muito perceptíveis em ambientes familiares conservadores.

Por ser uma das bases do ser humano, a família tem o importante papel de socializar uma criança e é a partir deste momento que ela começa a ser moldada. Anteriormente, existia somente um tipo aceitável de família, a dita tradicional, com um pai, uma mãe e seus filhos. Nesta, os garotos escutavam dos pais "homem não chora" como se chorar o tornasse menos homem, e as garotas ouviam "você deve se comportar como uma boa menina e obedecer". Atualmente, temos várias novas formas de estrutura familiar, cada uma com seu valor. Temos variações que vão de mães solteiras que chefiam famílias a casais homossexuais que agora podem estabelecer uma relação assumida e serem pais/mães de crianças. Além da adoção, a tecnologia hoje promove a capacidade de que homossexuais ou mulheres interessadas adiram a inseminações artificiais.

O conhecimento é passado de geração em geração e tudo aquilo que não está naturalizado, ou seja, o diferente, acaba despertando estranhamento e até aversão. Os preconceitos surgem principalmente pela falta de informação. Ao aprendermos que existem somente os gêneros feminino e masculino, os transgêneros¹ passam a ser vistos como aberrações e, muitas vezes, são maltratados e rechaçados pela sociedade.

Contudo, é necessário definir a diferença entre sexo, gênero e orientação sexual, visto que enquanto o sexo se restringe a duas opções determinadas biologicamente, o gênero se refere à imagem que a pessoa tem de si, tendo ampla variação. Entretanto, as distintas orientações sexuais-afetivas não possuem ligações determinadas por estes conceitos, ou seja, sendo uma mulher ou um

¹ Pessoa que se vê através de toda e qualquer forma de gênero que não seja o nato, podendo passar pelo transexualismo, travestilidade, andrógino, entre outros não binários.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

homem, transexual ou cisgênero, nenhuma das características anteriores determinam se sua orientação é homossexual, heterossexual ou bissexual. Quando se é imposto que se deve aceitar o sexo designado em seu nascimento - cisgênero - estabelece-se que somente esta concepção é incontestável. No entanto, sabe-se que existem transgêneros, pessoas que se veem de forma diferente do estabelecido biologicamente, e estes, apesar do grande preconceito que sofrem, lutam cotidianamente para assegurar o seu direito à liberdade sexual e ao reconhecimento de sua sexualidade.

Com o passar dos tempos, a ignorância e o preconceito foram transformados em curiosidades que despertaram inúmeras pesquisas relacionadas às diferentes sexualidades. Do século XIX até boa parte do XX, psiquiatras consideraram como distúrbio mental todo ser que não fosse heterossexual. Após incontáveis tentativas de "cura", especialistas perceberam, há pouco mais de 40 anos, que não se tratava de uma patologia, e sim de orientação sexual. Porém, foi com o avanço da ciência, que na década de 90, apareceram pesquisadores que identificaram uma ligação entre a orientação com os genes presentes no DNA, sendo assim, ao contrário do que muitos ainda defendem não ocorreria uma escolha, logo, não seria uma opção. Dois observadores destas constatações são os experientes cientistas Simon LeVay e Dean Hamer.

Mesmo após tantos avanços, o preconceito ainda está presente na maioria das sociedades, por vezes silenciosa e velada, por outras descaradamente. Seja em países onde os índices de violência contra transexuais, apesar de altos, são omitidos dos jornais, ou nos que ainda possuem pena de morte a homossexuais simplesmente por sua orientação. São ações retrógradas que apesar de eticamente incorretas, ainda são aceitas em muitas culturas.

Portanto, não são determinados padrões sociais que devem decidir o modo de vida de um indivíduo, nem mesmo o formato do seu corpo ou suas preferências. Nem sequer regras deterministas baseadas em biotipos devem interferir na sua identificação pessoal. Cada um tem seu livre arbítrio, este deveria ser respeitado como estado de direito, cabendo ao próprio indivíduo decidir sobre como será sua vida, seus relacionamentos e seus próprios interesses.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

5 O FUTURO DAS QUESTÕES DO CORPO

Nos últimos anos, algumas medidas de mudanças legislativas vêm sendo implementadas. Em outubro de 2014, obtivemos a efetivação da ampliação da proteção ao que se refere a Lei Maria da Penha para pessoas transexuais e transgênero. Com a busca por maior liberdade de escolhas sem discriminações, existem projetos de lei, tais como o de Nº 1490/2016, aprovado em 8 de março de 2016, que contrapõe o artigo 233 do Código Penal (Decreto-Lei 2848/40), concedendo para homens e mulheres no estado do Rio de Janeiro, a opção de utilizar ou não peças de roupa da cintura para cima, sem ser visto como um ato obsceno e passível de punição.

Assim como podemos perceber maior liberdade, vemos que ainda temos processos de resistência, como o projeto de lei que prevê aumento de pena no caso de aborto cometido em razão da microcefalia ou anomalia do feto (art. 127, do Decreto-Lei nº 2.848), o que nos permite ver a tentativa de permanência dos moldes de vida do século XX.

Casos como os ocorridos em maio deste ano, que trouxeram às manchetes estupros em múltiplas regiões do país, não só perplexaram a população como a fragilizou, causando indignação. Essa reação faz com que grupos feministas tenham esperanças de que, conforme maior a visibilidade desta realidade, algum dia sejamos capazes de entrar em um consenso do quanto é necessário mudar esta cultura e prezar, antes de tudo, pela vida e pelo respeito ao outro.

A mulher do século XXI se vê inconformada com as tradições patriarcais arraigadas e luta cada dia mais por sua autonomia. Com isso, ela também acaba tornando-se parte deste novo contexto em que novos conceitos de família estão se delineando, sendo cada vez mais comum ver mães solteiras ou até mulheres que, pensando em outras áreas de sua vida, optam por não terem filhos, reforçando o quanto é desnecessário seguir padrões conservadores impostos.

O conceito de família, portanto, vem sofrendo alterações ao longo do tempo, com isso as pessoas vêm sendo mais livres para escolher com quem viver e se relacionar. Nos últimos quinze anos, cerca de vinte países já legalizaram o

Volume 7, Setembro de 2016.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

casamento homossexual e, no ano passado, o Supremo Tribunal Federal reconheceu pela primeira vez a adoção por casais do mesmo sexo. São medidas como estas que elevam, na prática, o respeito como direito a todos, acima de qualquer discriminação.

O reconhecimento dos transgêneros é exemplo de um grande avanço social. Eles têm conquistado licenças para realizações das cirurgias de mudança de sexo e até mesmo o direito da troca para um nome desejado, sendo assim, socialmente compatível com o gênero que se identificam. Com o auxílio da comunicação e informação disponibilizada pela *Internet*, estes grupos estão quebrando barreiras que estavam consolidadas. Assim, com o progresso das tecnologias, a comunicação vem sendo usada para estes fins além de impulsionar muitos movimentos em diversas partes do mundo contra a discriminação, pois esses são criados, divulgados e incentivados via redes sociais. Esse fenômeno de integração entre diversas comunidades é denominado globalização.

Outra importante ferramenta nas lutas de minorias foi a Organização das Nações Unidas que, com um amplo poder de alcance, veio como mediadora em busca de um bem social, ignorando qualquer fronteira. Dando voz a reivindicações muitas vezes escondidas, suas intervenções já levaram mudanças a culturas antes consideradas impenetráveis. São instituições como a ONU que garantem a todos informação e possibilitam rupturas com velhos moldes que atentam aos direitos humanos ou à sua eficácia.

Observando os avanços obtidos nos últimos anos, acredita-se que estamos cada vez mais próximos de um rompimento com as ideologias opressoras, seja qual for o oprimido. Logicamente, não se tem como prever o que está por vir. Nem mesmo seguir os últimos índices pode garantir o que de fato acontecerá, mas é incontestável que mudanças são possíveis e tradições são mutáveis já que as conquistas presentes hoje, um dia já foram consideradas inimagináveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aparência sempre foi algo primordial na convivência entre as pessoas. Os valores sempre foram facilmente confundidos. Na verdade, até hoje o parecer vale

Volume 7, Setembro de 2016. 13



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

mais do que o ser. Partindo dessa premissa, os indivíduos, na maioria das vezes, são incapazes de se colocar no lugar do outro, já que pensam e agem de acordo com a suas perspectivas. Quando alguém diz o que o outro deve vestir, o modo como deve ser o seu corpo ou como deve aparentar, ele está reprimindo um indivíduo que se vê impossibilitado de expressar a sua identidade.

É cada vez mais perceptível que a busca pelo bem-estar pleno passa diretamente pelas relações com seu corpo, portanto a maneira com o qual se expressa necessita de uma liberdade própria, sem as preocupações com formas e estereótipos. Ter liberdade de decidir pelo seu corpo e sua vida é desejar ter seus limites respeitados e, conseqüentemente, respeitar os dos outros.

Nota-se também que a importância das propriedades do corpo vem ganhando cada vez mais espaço e pesquisas como esta tornam evidentes os avanços dos direitos e da conscientização da população. Mesmo com ainda muitas barreiras a serem quebradas, a força dos movimentos em prol da liberdade corporal vem aumentando e é assim que nossa sociedade será capaz de romper com conceitos e julgamentos tão conservadores e prepotentes.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Nadezhda Bezerra. **Rugas e pneuzinhos, que mal tem? O discurso da beleza fora dos padrões na publicidade.** 2008. Disponível em: <<http://search.proquest.com/openview/ba5e4950435afb779b8a7dfff9445c29/1?pq-origsite=gscholar>>. Acesso em: 29 mar. 2016.

CHALLITA, Mansour. O Alcorão ao Alcance de Todos. 1ª ed. Acigi: Rio de Janeiro, 1984.

CONSTITUIÇÃO DA REPUBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Projeto de Lei Nº: 1490/2016.** Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/f9559666adae5fb083257dd5006426d1/691e9a10d819f2b683257f70005e147a?OpenDocument&ExpandSection=-1visto>>. Acesso em: 08 Jul. 2016.



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica

FARIAS, Aline Almeida; SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas.** 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/95/96>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

FERREIRA, F.R. **The production of meanings regarding body image.** Interface - Comunic., Saúde, Educ., v.12, n.26, p.471-83, jul./set. 2008. Disponível em: <<http://interface.org.br/wp-content/uploads/2015/02/26.1.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2016.

GOETZ, E. R.; CAMARGO, B. V.; BERTODO, R. B. e JUSTO, A. M. **Representação social do corpo na mídia impressa.** 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n2/a10v20n2.pdf>> Acesso em: 29 mar. 2016.

JAIN, Ankur. **Após estupro coletivo, indiana é submetida a 'ritual purificador' com pedra de 10 Kg na cabeça.** 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150616_india_estupro_purificacao_fn> Acesso em: 28 Abr. 2016.

JESUS, Jaqueline Gomes **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2012. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_GÊNERO_CONCEITOS_E_TERMOS_-_2ª_Edição.pdf?1355331649> Acesso em: 30 Mai. 2016.

SOARES, Nana. **Não existe coisa de menino e de menina.** Educar para Crescer. 2014. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/comportamento/coisa-menino-coisa-menina-798549.shtml>> Acesso em: 12 de jun. 2016.

Anexos



Materializando Conhecimentos

Revista Eletrônica



Figura 1 e 2: representações de quartos que mostram os estereótipos dos gêneros binários. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2015-11/adocao-por-casais-homossexuais-ja-e-possivel-em-cerca-de-20-paises>. Acesso em: 12 Jul. 2016.